



## Paz e violência na Vida de São Geraldo de Aurillac (c.930).

Vítor Boldrini\*, Neri De Barros Almeida.

### Resumo

Até as últimas décadas do XX, os historiadores frequentemente afirmavam que a violência descomedida era um dos elementos constitutivos das sociedades na Alta Idade Média. O século X, em particular, foi muitas vezes descrito como "século de ferro", em contraste com a organização política centralizada dos Estados Modernos. A partir do final da década de 1970 são estabelecidas outras interpretações. A releitura de documentos e a descoberta de novos, amparados principalmente pelos avanços da arqueologia, foram fatores fundamentais nessa mudança. Os historiadores passam a adotar novas explicações que permitem questionar a historiografia desenvolvida até então. Atentos às novas descobertas e hipóteses, nosso principal objetivo na presente pesquisa é compreender como a violência se constituiu como um discurso retórico na hagiografia "Vida de São Geraldo de Aurillac", considerando a finalidade pretendida pelo autor do documento: a transmissão de valores de comportamentos aos poderosos laicos. Buscaremos compreender, sobretudo, de quais formas um proeminente monge emprega estratégias discursivas para apresentar um modelo de sociedade em harmonia com os valores da Igreja.

### Palavras-chave:

Hagiografia; paz; violência

### Introdução

Proveniente de uma linhagem extremamente poderosa do ducado da Aquitânia na região da *Auvergne* (Auvérnia), Geraldo de Aurillac nasceu em 855 e foi contemporâneo do contexto de desagregação do Império Carolíngio. A trajetória dele nos sugere que foi um influente senhor laico.

Até sua morte em 909, Geraldo se destacou como conde do pagus (frequentemente traduzido por território) de Quercy e estava inserido em redes de parentesco ou de aliança com figuras proeminentes de sua época, como o Duque da Aquitânia Guilherme, o Piedoso.

A *Vita Sancti Geraldi Aurelianensis* é a fonte com maior riqueza de informações sobre esse personagem e foi escrita pelo abade Odon de Cluny aproximadamente 20 anos após sua morte, segundo alguns dos principais comentadores de sua tradição manuscrita. Nosso foco na pesquisa é identificar de quais formas o fenômeno da violência é nela representado.

### Resultados e Discussão

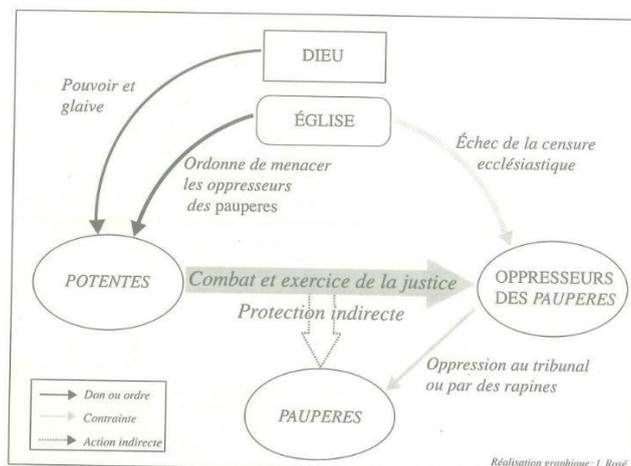
Nas últimas décadas, os historiadores buscam analisar criticamente os discursos vinculados pelos documentos enquanto vetores das ideologias dos responsáveis por sua produção.

Nas fontes que dispomos sobre os séculos X e XI, as denúncias de violência consistem em retóricas desenvolvidas pelos autores eclesiásticos que visam deslegitimar os comportamentos aristocráticos e promover uma nova norma de conduta aos poderosos laicos. Portanto, ao ser dada uma maior atenção ao contexto de produção do documento, os registros da violência não são mais interpretados como dados plenamente representativos da realidade social. Eles se constituem, antes disso, como discursos desenvolvidos por eclesiásticos que reivindicam estrategicamente o pleno usufruto de seus bens e direitos, diante da possibilidade de interferência por parte dos laicos de maior prestígio social.

Partindo desses pressupostos podemos deter uma atenção particular às ideologias que o documento busca veicular, ou seja, verificar por quais razões o tema da violência é nele representado, tendo em vista a sua

importância estratégica na efetivação das intencionalidades do autor, Odon.

Figura 1 Função social dos potentes<sup>1</sup>



### Conclusões

Ao descrever Geraldo de Aurillac, Odon o representa como um modelo a ser reproduzido pelos demais poderosos laicos, propondo a eles normas de condutas e usos legítimos da violência que estejam em concordância com um modelo social que garanta a posição dominante dos monges na sociedade e, simultaneamente, o triunfo das virtudes cristãs.

### Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora Néri de Barros Almeida e à FAPESP pelo financiamento.

ROSÉ, Isabelle. *Construire une société seigneuriale: itinéraire et ecclésiologie de l'abbé Odon de Cluny (fin du IXe-milieu du Xe siècle)*. Turnhout: Brepols, 2008, p. 499.